



IV Colóquio de História da Educação

O JORNAL COMO GUARDIÃO DA MEMÓRIA

ARTE, CULTURA E EDUCAÇÃO: IDENTIDADE E MEMÓRIA

Luciana Mara Espíndola Santos (luciana_espin@hotmail.com)¹

“Desde o início, aproximam-se a arte de lembrar e a arte de esquecer”.

(Olgária Matos)

Introdução

Neste escrito pretende-se problematizar algumas questões referentes à utilização do jornal e sua importância como guardião de uma memória. A pesquisa de análise documental estruturou-se a partir de alguns conceitos e investigações que atestam para a validade deste artefato como fonte/documento para a escrita da história.

Memória. Lembrança. História. Esquecimento. Palavras frequentemente usadas em escritos historiográficos, borradas por suas aproximações, mas não aproximadas a tal ponto de tornarem-se sinônimos. Se para lembrar é necessário esquecer, o esquecimento passa a fazer parte também da memória, que, junto com a história, são “[...] vias de acesso ao passado” (JOUTARD, 2005, p.207). Se ambas, memória e história, são compreendidas como fontes de acesso ao passado, Joutard (2007), esclarece que memória não é história, e sim um objeto dela, portanto, passível de ser questionada, problematizada e cruzada com outras fontes. Memória e história se relacionam de forma colaborativa, no intento de representar o que foi e não é mais.

O jornal nessa perspectiva apresenta-se como guardador de uma memória que não tem a pretensão de restituir as lembranças, nem de se colocar como verdade, mas, de ser elemento capaz, pelas mãos do pesquisador, de inventariar um passado representado no impresso. E, como é tarefa do pesquisador problematizar suas fontes, três questões é colocado aqui para que o leitor possa pensar nesse objeto – o jornal – como preservação de memória e fonte para a história. A primeira refere-se à

¹ Professora da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, doutorado em andamento na Universidade do Estado de Santa Catarina, linha de pesquisa História e Historiografia da Educação, sob orientação da Professora Doutora Maria Teresa Santos Cunha. Bolsista FAPESC.



IV Colóquio de História da Educação

relação que estabelecemos com esses “velhos” impressos, ao ponto de, por meio deles, contar uma história. Na segunda questão entram em cena as/os fontes/documentos e o jornal como material que tem merecido a atenção de pesquisadores de diversas áreas, como a linguística, comunicação, educação, antropologia, as artes, dentre outras. Para engrossar o caldo, como terceira questão, problematizam-se as sensibilidades projetadas nesses materiais que, em destaque no presente, ajudam a compreender as várias formas com que as pessoas vão se comportando no tempo.

Com cautela, serão apresentadas ao longo desse escrito algumas possibilidades de reflexão sobre tais indagações. Começando pela relação que se constrói entre pesquisador e o próprio objeto de pesquisa pode-se dizer que esta movimenta o homem em direção ao que está esquecido, à beira da morte, concordando com a afirmativa de Certeau (1982), que diz que a historiografia é o trabalho sobre o morto, pois o passado não pode ser recuperado, tampouco resgatado. Trabalhar com esse “morto” metafórico de Certeau e poder destacá-lo em outro tempo e espaço, ancorados na perspectiva da História Cultural (CHARTIER, 1990), têm sido uma empreitada de muitos pesquisadores e historiadores da Educação no Brasil.

Pesquisar em livros, jornais, manuais e outros impressos envolve, assim como a escolha de um romance, certos protocolos de apropriação (CUNHA, 1999) que começam antes mesmo que o pesquisador manuseie seus documentos. Se, na escolha dos romances, tais protocolos se dão no contato físico entre leitor e livro (CUNHA, 1999), nas instituições de custódia e salvaguarda, que abrigam velhos impressos, ou pelo menos em boa parte delas, esses “mandamentos” iniciam antes mesmo que o pesquisador toque no material desejado. O uso desses protocolos, tanto pode distanciar o pesquisador do arquivo como podem envolvê-lo numa atmosfera de encanto e nostalgia. O ambiente dos arquivos, com iluminação diferenciada, silêncio discreto, a presença de funcionários responsáveis por levar o material até o pesquisador, o uso de artefatos como guarda-pó, máscara, luvas, dentre outros, permeiam o imaginário e conferem a esses protocolos certos “*glamour*”, o que não deve nunca extrapolar os limites da razão e da paixão. Farge (2009) atenta para essas armadilhas que envolvem pesquisador e seu arquivo/objeto de pesquisa, mas esclarece que é preciso, sim, um envolvimento do pesquisador com seu material, na tentativa de caçá-lo, buscá-lo, tomá-



IV Colóquio de História da Educação

lo com gosto, lê-lo calmamente, mas, também, na mesma medida, indagá-lo, desconfiar dele. Para a autora:

A tensão se organiza – em geral de modo conflituoso – entre a paixão de recolhê-lo inteiro, de oferecê-lo integralmente à leitura, de jogar com seu lado espetacular e com seu conteúdo limitado, e a razão, que exige que ele seja habilmente questionado para adquirir sentido. É entre a paixão e a razão que se decide escrever a história [...]. (FARGE, 2009, p. 21)

Essa relação, que deve pautar-se em paixão e razão, compreende-se ser, também, profícua, fazer o jogo de escalas cunhado por Jaques Revel, numa perspectiva da micro história, mas que ajuda o pesquisador a estranhar, a distanciar-se do seu objeto de pesquisa, porém, não apenas ou simplesmente olhando o objeto por várias perspectivas ou lentes. Para Jacques Revel (2010, p. 438),

[...] a escolha de outra escala de representação, não equivale a representar em tamanhos diversos uma realidade constante, e sim transformar o conteúdo da representação mediante a escolha do que é representável.

O autor justifica sua perspectiva historiográfica, atentando ao fato de que os processos sócio históricos - e aqui se inclui a análise dos jornais e os conteúdos expressos no e por meio deles - não podem ser compreendidos de forma linear, uma vez que tais processos, [...] são resultantes de uma multiplicidade de determinações, de projetos, de obrigações, de estratégias e de táticas individuais e coletivas (REVEL, 2010, p. 444).

A leitura desses impressos que conseguiram escapar do descarte, uma vez que na década de 1970 não havia a lei de salva guarda², e, hoje, repousam em arquivos pessoais ou de instituições de custódia, ganham pelas mãos dos pesquisadores, seja escrevendo ou digitando, outro sentido, não mais fundamentado apenas na informação. Os jornais têm se tornado importantes recursos de pesquisa, na medida em que mais do que

² Lei no. 8.159 de 8 de Janeiro de 1991, que dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados. E diz em seu artigo 12. “Os arquivos privados identificados pelo Poder Público como de interesse público e social, desde que sejam considerados como conjuntos de fontes relevantes para a história e desenvolvimento científico nacional.” (Decretos e Leis – Conselho Nacional de Arquivos - CONARQ) Estou pensando, lembro de uma vez ter conversado com um funcionário da biblioteca pública e o mesmo afirmou que era necessário que cada periódico de Santa Catarina fosse enviado para a biblioteca. Será que no caso dos periódicos a salvaguarda não está relacionada com algum papel público desta biblioteca estadual? Talvez algum funcionário de lá saiba algo mais.



IV Colóquio de História da Educação

simplesmente comprovar ou atestar um fato, um acontecimento, torna-se o próprio objeto histórico, pois são repletos de marcas de um tempo, as quais quando encontradas, apresentam-se “craqueladas”, mas assim que são inquiridas e tensionadas, através dos pesquisadores, com outros documentos, tornam-se “visíveis”, embora nunca plenamente nítidas.

A memória contida no jornal vai se “reconciliando” com a história num processo árduo que envolve o desejo de quem quer contar uma história por meio dele, mas precisa desconfiar desse objeto e dar voz a outras fontes/documentos. Nesse caminho, Luca (2005) e Campos (2012) ensinam que os estudos dos jornais proporcionam um encontro com gostos, comportamentos, valores impressos em um veículo que, durante o século XX, sobretudo em sua primeira metade, foi um dos principais meio de propagar a informação, numa mirada que intentava, também, colocar o sujeito em diálogo com o mundo e com “outro social” (DISCINI, 2012, p. 67). Esse encontro com gostos, comportamentos e valores imortalizados nas páginas dos jornais tem merecido a atenção de pesquisadores de diversas áreas, que recorrem a esses materiais não somente para comprovar algo, mas, também, para construir narrativas, mesmo que ficcionais – como no caso dos romances –, mais próximas ao cotidiano de seus leitores.

Segundo Souza (2012), é nesses artefatos de papel, onde se imprimem e se expressam os saberes e fazeres de um tempo, que a memória reside. Mas, a memória é sempre atualizada pelo presente e pelo historiador, o qual pode imbuído de técnicas e de um *savoir-fair*,

[...] rever certos acontecimentos, reordenando-os, dando novas formas às experiências e aos acontecimentos no instante do presente, já esquecidos e aparentemente não sentidos, [...] dar nova legibilidade, significando novas relações entre as coisas bem conhecidas ou mundos completamente alheios [...]. (SOUZA, 2012, p. 13).

Nessa discussão, dez anos antes, em 2002, a pesquisadora Marieta de Moraes Ferreira, já postulava que:

[...] a memória é também uma construção do passado, mas pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente (FERREIRA, 2002, p. 321, 2002).



IV Colóquio de História da Educação

Ambos os pesquisadores deixam claro que não há como restituir o passado e que a memória é uma ação do presente. Sendo assim, os jornais guardam as memórias de um tempo que são redimensionadas no presente, ao serem tensionadas com a própria temporalidade em que se encontram, e carecem de um olhar que, para além dessa dimensão, deverá atentar-se para a historicização do objeto estudado. Luca (2005) alerta para:

[...] a importância crucial de se inquirir as fontes de informação de uma dada publicação, sua tiragem, área de difusão, relações com instituições políticas, grupo econômicos e financeiros [...] (LUCA, 2005, p. 116).

São aspectos que, segundo a autora, não podem ser negligenciados, e com o que concordamos. Nessa esteira, os estudos que tem por objeto de investigação os jornais e seu conteúdo, seja ele relacionado à economia, educação, arte, infância, moda, cidade, publicidade, e outros, contribuem para que possamos compreender as ações e políticas que permeiam a vida cotidiana, a partir de uma ótica de produção e construção social. Assim, desnaturalizando certos discursos e rompendo com uma lógica dualista, ainda presente no século XXI, que insiste em secundarizar ou mesmo hierarquizar fontes/documentos dessa natureza.

Referência

CAMPOS, Raquel Discini. No rastro dos velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da História da Educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, SP, v. 12, n. 1, p. 45-70, jan./abr. 2012. Disponível em: < <http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/320/306>>. Acesso em: 06/08/2014.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa [Portugal]: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história: conversam de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.



IV Colóquio de História da Educação

FARGE, Arlette. O sabor do arquivo. São Paulo: EDUSP, 2009.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi**, Rio de Janeiro, dez.2002, p.314-332. Disponível em: <http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/topoi05/topoi5a13.pdf>. Acesso em: 20/06/2014.

JOUTARD, Philippe. **Reconciliar História e Memória**. Escritos. Casa Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Ano 1, n. 1. 2007. p. 223-235

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-153.

REVEL, Jacques. Micro história, macro história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, SP, v. 15, n. 45, set./dez. 2010, p. 434-444. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v15n45/03.pdf>>. Acesso em: 24/06/2014.

SACRAMENTO, Ana Cláudia Ramos. A Aprendizagem da Geografia a partir da construção de passatempos com temas cartográficos. **Encuentro de Geógrafos de America Latina**, Lima, 14, p.1-19, abril. 2013.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Diálogos Iniciais: sobre memória, arquivos e cultura escolar. In: SOUZA, Elizeu Clementino de Souza; VASCONCELOS, José Geraldo; CASTRO, César Augusto (Orgs.). **História da Educação: Memória, Arquivos e Cultura Escolar**. Rio de Janeiro: Salvador: Quarter: Uneb, 2012.